

10/12/97. A-9
07

■ NACIONAL

Dresdner Bank Lateinamerika
SEU CANAL DE NEGÓCIOS
COM O MUNDO: (011) 5188-6700

Prêmio a meio século de militância ambiental

Fátima Laranjeira
de São Paulo

Paulo Nogueira Neto, um dos pioneiros da defesa do meio ambiente no Brasil, recebe em Londres a Duke of Edinburgh Conservation Medal 97, do WWF

Foi uma colônia de abelhas indígenas Jatá que começou a transformar a vida do advogado Paulo Nogueira Neto há 50 anos, quando dedicava-se a gerir os negócios de sua família na Usina Esther, em Cosmópolis, interior de São Paulo. O presente, recebido do futuro sogro, deu uma guinada na vida desse paulista, que nesta quarta-feira será o primeiro brasileiro a receber um dos mais importantes prêmios da área ambiental, a medalha do World Wide Fund for Nature (WWF). Das abelhas ao curso de História Natural na Universidade de São Paulo, encerrado em 1958, passando à defesa do meio ambiente, o caminho foi rápido.

Responsável por um extenso currículo de ações de preservação de diversos ecossistemas, legislações ambientais contra a emissão de poluentes e protestos contra o desmatamento da Amazônia, Paulo Nogueira Neto comemora os 50 anos de militância ecológica ainda muito ativo. A premiação é "um merecido reconhecimento por tudo o que o senhor tem feito pela preservação do meio ambiente no Brasil", escreveu o diretor do WWF, Claude Martin, na carta em que comunica a Paulo Nogueira Neto sua premiação e o convida a receber a Duke of Edinburgh Conservation Medal 1997.

Nogueira Neto foi o idealizador de mais de 20 estações e reservas ecológicas, que somam cerca de 3,2 milhões de hectares no Brasil (área maior que Alagoas e Sergipe juntos) e que preservam diversos tipos de ecossistemas, da Mata Atlântica, ao pantanal mato-grossense. Professor aposentado de Ecologia no Instituto de Biociências da USP e ex-secretário Nacional do Meio Ambiente, ele aguarda com ansiedade a inauguração, no próximo ano, do primeiro projeto dos corredores ecológicos, que irá ligar Manaus ao Peru.

Os corredores são áreas de preservação de diferentes tipos — parques ecológicos, estações ou reservas indígenas. Estão planejados quatro na Amazônia, dois na Serra do Mar e um no Espírito Santo,

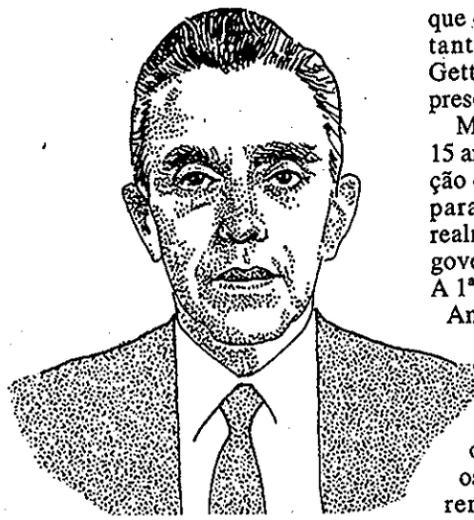
"No futuro a biodiversidade estará refugiada nas unidades de conservação e os corredores fazem parte delas", diz Nogueira Neto, que também é membro do grupo assessor do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), do Banco Mundial.

Na quarta-feira, em seu discurso no Palácio de Saint James, residência oficial da nobreza inglesa, onde receberá a premiação, ele falará rapidamente de sua vida, a pedido do WWF, mas não esquecerá de dizer que o Brasil não está conseguindo ainda — na época dos satélites sofisticadíssimos — controlar o desmatamento da mais importante floresta do mundo.

"Todo ano, perdemos um milhão de hectares, ou quase um Líbano em florestas destruídas", diz, lembrando que projeções de alguns pesquisadores estimam uma destruição ainda maior. O combate ao desmatamento, ele insiste em dizer, deve ser profissional, com a ajuda dos satélites e de uma bem equipada Polícia Federal, deslocando-se a toda hora, e não com guardas fixos, como hoje.

Outro tema que não faltará ao seu discurso será o "imperativo moral e ambiental de acabar com a pobreza", que ele, aos 75 anos de idade, considera uma das mais importantes batalhas atuais de sua vida. "Foi a partir da Comissão Brundtland que os ambientalistas perceberam que a preservação dos recursos naturais só viria com o controle da natalidade e com o fim da miséria no mundo", conta, lembrando sua participação na importante comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) — uma das três criadas até hoje pela entidade, ao lado das dedicadas a discutir a economia e o desarmamento.

"Toda a visão ambiental moderna saiu dessa comissão, inclusive a expressão desenvolvimento sustentável. A conclusão foi que a erradicação da miséria é essencial para garantir a vida das gerações futuras", conta. Ele lembra que Maurice Strong, o presidente da Rio-92,



Paulo Nogueira Neto

mandou calcular quanto custaria acabar com os bolsões de miséria no planeta, concluindo que seriam necessários investimentos anuais de US\$ 250 bilhões.

Os países ricos se comprometeram, na conferência, a fazer esses investimentos, mas eles hoje não passam de US\$ 80 bilhões ao ano. "Atualmente o mundo gasta anualmente meio trilhão de dólares em armamentos, valor que chegou a um trilhão durante a Guerra Fria", diz. "Então o comprometimento da Rio-92 pode ser concretizado, se houver vontade política dos países desenvolvidos".

Até a Rio-92 e a Secretaria Nacional do Meio Ambiente (Sema), no entanto, o caminho de Paulo Nogueira Neto foi pontado de variadas experiências: "Acho que vivi todas as etapas do movimento ambientalista no Brasil até hoje", diz. Nogueira Neto foi um dos fundadores de uma das primeiras ONGs brasileiras, a Associação de Defesa da Fauna e da Flora, criada por ele e por mais dois amigos para salvar o Morro do Diabo, no Pontal do Paranapanema, em 1956. A defesa da Natureza e do meio ambiente, então, era um tema novo. "Éramos vistos como uns extravagantes, caçadores de borboletas ou algo do tipo", lembra o professor,

que em 1981 recebeu outro importante prêmio ambiental, o Paul Getty, considerado o "Nobel" da preservação da natureza.

Mas foram necessários mais de 15 anos desde a criação da Associação de Defesa da Fauna e da Flora para que o meio ambiente fosse realmente introduzido na pauta do governo e da sociedade brasileira. A 1ª Conferência Mundial do Meio Ambiente, que se realizou em Estocolmo em 1972, foi a responsável por isso. "O Brasil participou da reunião numa postura defensiva, porque via o encontro como uma forma de os países desenvolvidos interferirem na nossa política interna", lembra. "Depois a comitiva viu que não era bem assim, o País acabou assinando a Declaração de Estocolmo e criou-se a Secretaria Nacional do Meio Ambiente".

Em 1974, o trabalho acadêmico e ecológico desenvolvido pelo ex-advogado — sempre estudando as abelhas — era conhecido e amigos comuns o indicaram a Henrique Cavalcanti, ministro do Interior. "Ele iria criar a Sema, subordinada à sua pasta. "Na época eu já critiquei a estrutura da secretaria, que era apenas um órgão de coordenação para desenvolver idéias, sem ação executiva. Mas resolvi aceitar a função de secretário, porque a Sema já era um grande avanço".

Assim ele foi o primeiro a dirigir um organismo dedicado ao meio ambiente no País. Começava aí, com a mudança com a esposa — já falecida — e os três filhos para Brasília, uma das fases mais produtivas da sua vida. "Adoramos a cidade, onde vivemos a fase mais feliz de nossas vidas", lembra.

Com poucos meios para trabalhar — tinha apenas cinco funcionários em duas salas —, ele começou a usar a forma que considerou a mais eficaz para divulgar os problemas do meio ambiente: "Era época da ditadura e um dos mecanismos que usamos foi levar a questão ambiental para a mídia, que sofria com a censura e encontrou no setor um novo e importante tema de debate, um dos poucos que podia ser comentado livremente", diz Nogueira Neto, lembrando que a imprensa sempre foi um importante aliado.

Na Sema, o controle da poluição tornou-se a principal bandeira de Nogueira Neto, que atualmente é presidente do conselho de administração da Cetesb, a agência ambiental paulista. "A Cetesb estava iniciando o programa de combate aos poluidores no ABC paulista e começamos na Sema uma campanha de controle da poluição e de educação ambiental junto com o governo do Distrito Federal. Tínhamos pouquíssimo dinheiro, mas um grupo importantíssimo de voluntários que ajudaram o projeto".

Em 1981, Nogueira Neto liderou a implantação da primeira lei de importância na área ambiental: a Política Nacional de Meio Ambiente, aprovada praticamente por unanimidade entre governo e oposição. Sua principal questão era o controle da poluição. "Houve uma reação do setor industrial que temia o aumento dos custos e o poder que a legislação detinha de fechar o estabelecimento poluidor, como ocorreu em Cubatão", diz.

Após dois anos de intensas negociações e discussões com a indústria, a lei foi regulamentada. "O setor industrial percebeu que o controle era inevitável até porque grande parte da poluição significava desperdício, que devia ser evitado", diz. Ele lembra que apenas em Cubatão as indústrias investiram US\$ 400 milhões, contando com financiamentos do Banco Mundial e do Banco Nacional de Desenvolvimento Eco-

nomico e Social (BNDES), para controlar uma poluição que atingiu patamares insuportáveis. Na sua visão, hoje a poluição industrial está controlada. "No entanto, o esgoto doméstico, sem tratamento pelas prefeituras, é o que mais preocupa o País e desequilibra o meio ambiente." Para ele, a concessão do tratamento de esgotos será essencial para resolver a questão, retirando-a das injunções políticas: "Tratar esgoto não é um investimento que reeleja os prefeitos".

No campo da conservação, Nogueira Neto adotou, à frente da Sema, as estações ecológicas, ligadas às universidades. As estações foram o carro-chefe de sua gestão, constituindo-se no maior programa do mundo no setor, que durou de 1974 até 1986 e ainda continua hoje, reunindo 23 estações, 120 pesquisadores e 3,2 milhões de hectares. Após 12 anos e quatro governos, com a Sema subordinada a diversos ministérios, ele deixou a secretaria em 1986, criticando a falta de recursos e de autonomia do órgão. Nogueira Neto ainda continuou em Brasília, como secretário de ambiente do governo do Distrito Federal, e até hoje lembra com saudades do tempo que morou na cidade. Sem abandonar a vida acadêmica, ele continuou a estudar os animais que mudaram sua vida e acabou de lançar um tratado sobre o tema, "Vida e criação das abelhas indígenas sem ferrão".

Homem que dedicou sua vida a gerir negociações, Paulo Nogueira ainda hoje não foge das grandes polêmicas, como as recentes críticas ao projeto do deputado Paulo Borhausen sobre a utilização e proteção à Mata Atlântica. Apesar do refluxo do movimento ambiental após a Rio-92, ele é otimista, acreditando que o tema está voltando a ter força junto à opinião pública. Para ele, a reunião de Kioto sobre a emissão de gases este mês devem retomar o assunto. "Além disso, acontecimentos como o El Niño mostram que as influências sobre o meio ambiente impõem-se sobre a humanidade e que a importância do tema irá arri-

gimentar mais pessoas".

Ambientalista aguarda ansioso inauguração do projeto dos corredores ecológicos em 1998